

Em busca da Comunidade: ciências sociais, desenvolvimento rural e diplomacia cultural nas relações Brasil-EUA (1930-1950), de Thiago da Costa Lopes (Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020)

Andre Bittencourt | Universidade Federal do Rio de Janeiro

andrebitt@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5211-0250>



Até poucos anos atrás, o caminho natural para as pesquisas de pensamento social brasileiro ou de história das ciências sociais passava pelo estudo dos principais personagens (os “fundadores”, os “chefes de escola”), das obras canônicas ou das grandes instituições. Mas, o que acontece se nos detivermos em personagens menos conhecidos ou em textos considerados “menores”, às vezes nem mesmo classificados como uma “obra”? E que perspectiva ganhamos se olharmos não para lugares específicos, mas se movimentarmos nossas inquietações para as relações *entre* espaços sociais e redes intelectuais? É essa espécie de rotação metodológica que o livro *Em busca da Comunidade*, de Thiago da Costa Lopes propõe. Justamente por essa perspectiva metodológica, não é tão simples resumir em poucas palavras do que trata o livro. Seu subtítulo nos dá pistas, mas como o leitor perceberá, traz mais elementos do que respostas: “ciências sociais, desenvolvimento rural e diplomacia cultural nas relações Brasil-EUA (1930-1950)”.

Embora o livro gire ao redor de dois sociólogos, é interessante que Lopes não os tenha incluído no título. Como os nomes dos capítulos não deixam mentir, há protagonistas nessa história, que articula ciências sociais, desenvolvimento rural e diplomacia cultural: o norte-americano T. Lynn Smith e o brasileiro José Arthur Rios. Smith e Rios efetivamente estão na frente da narrativa, tendo suas trajetórias, teses e projetos cuidadosamente esmiuçados. Porém, eles são muito mais fios-condutores que permitem ao pesquisador desenrolar as complexas relações entre os dois países – com ênfase no substantivo “relação”. Complexa em muitos sentidos, mas principalmente porque se dão em diferentes dimensões: no nível das teses sociológicas, especialmente na formação de uma sociologia rural; das ideologias; das políticas públicas; das fontes de financiamento; da diplomacia. Menos conhecidos do que vários de seus contemporâneos, como Donald Pierson, Luiz Aguiar Costa Pinto e Alberto Guerreiro Ramos, seguir Smith e Rios, *em relação*, nos permite ver, com a direção dada por Lopes, para além deles.

O livro está organizado em quatro capítulos, os dois primeiros focados na trajetória de Lynn Smith e os dois últimos na de Rios. Eles são antecidos de uma “Apresentação”, em que Thiago Lopes introduz suas hipóteses, argumentos gerais e debates metodológicos. A ênfase dada a esse último aspecto demonstra a preocupação do autor em situar seu trabalho dentro das áreas de história das ciências e pensamento social brasileiro. É um livro, portanto, consciente do lugar que ocupa, das fronteiras que desbrava e das tradições dentro das quais se situa, dialogando criativa ou criticamente.

A obra se inicia com a trajetória de Lynn Smith, com ênfase em sua formação acadêmica ao longo dos anos 1920, primeiro nos meios mórmons e depois na Universidade de Minnesota. Apesar de menos conhecida do que outras universidades norte-americanas, os anos de aprendizado de Lynn Smith foram marcados pela presença de dois importantes sociólogos, espécie de sistematizadores da sociologia rural, e que naqueles mesmos anos iriam para Harvard fundar seu Departamento de Sociologia: Carle C. Zimmerman e Pitirim Sorokin. Lopes reputa a inclinação de Smith para a sociologia rural a essa espécie de afinidade entre sua trajetória pessoal (família de agricultores mórmons) e a forja de uma sofisticada e militante tentativa de desenvolver esse campo de estudos nos EUA. Ele era a pessoa certa na hora certa. No entanto, as afinidades são mais largas – e o senso de oportunidade também. Em sua busca por legitimidade dentro da sociologia norte-americana, a sociologia rural tentou (e conseguiu) aproveitar as oportunidades abertas pelo New Deal, o conjunto de políticas implementadas por Franklin D. Roosevelt para recuperar a economia dos EUA nos anos 1930.

Aqui é importante destacar outro elemento do livro, a tese sociológica – e moral – da sociologia rural americana dos anos 1930. Smith, seus mestres e colegas, perfilhavam concepções críticas ao individualismo liberal, assim como ao comunismo, procurando recuperar o espírito do “comunitarismo” (daí o título da obra), em uma aposta de que as pequenas comunidades ou grupos seriam a mais importante instância de sociabilidade e ação conjunta. Segundo Lopes, essa tese seria importante para sustentar projetos de engenharia social de Roosevelt, sobretudo a criação de novos núcleos de povoamento rural, de modo a assentar agricultores empobrecidos na Grande Depressão.

Aqui temos quatro dimensões importantes para o trabalho de Thiago Lopes: trajetória pessoal, redes intelectuais, ideias (no caso, teses sociológicas que muitas vezes se mesclam com ideologias políticas e juízos morais) e ações de Estado. É um grande desafio articular essas dimensões, mas Smith (e mais à frente Arthur Rios) é lido a partir desse conjunto de relações

que se implicam mutuamente. Ainda falta outra dimensão, que se junta a essas, e diz respeito às relações internacionais, imprescindível para a proposta metodológica transnacional do livro. Ela começa a ser explorada também no contexto do final dos anos 1930, e também tendo no governo Roosevelt seu espaço político-institucional adequado: a Política da Boa Vizinhança. O trabalho de Lopes mostra como as ligações de Smith com o Brasil se devem, em parte, ao movimento de aproximação dos interesses internacionais dos Estados Unidos com os países da América Latina, inclusive como parte dos esforços de guerra, exercendo o trabalho de analista do governo americano no Brasil. No entanto, como faz questão de frisar o autor, a relação de Smith com o Brasil não passa apenas pela geopolítica expansionista norte-americana, embora não a exclua, mas também pela sua tentativa (e do seu grupo intelectual) em ampliar a própria agenda da sociologia rural.

É nessa junção que ocorre uma espécie de outro cruzamento inesperado: Lynn Smith lê Oliveira Vianna. A relação de Oliveira Vianna com a sociologia norte-americana é mais conhecida, embora pouco estudada, por sua interlocução com Robert Park e Donald Pierson, mas, como mostra Lopes, as afinidades com Lynn Smith são impressionantes. Smith lê Oliveira Vianna como um comunitarista ao estilo da tradição que se tentava forjar nos Estados Unidos com Sorokin e companhia, embora fosse mais otimista com a possibilidade de criação de vínculos de solidariedade e ação comum e discordasse dos prognósticos autoritários de Oliveira Vianna. Como ressalta André Botelho no prefácio ao livro, o diálogo estabelecido entre Smith (e Rios) e Oliveira Vianna é dos aspectos mais interessantes da pesquisa. Ao estudar a conexão Smith-Oliveira Vianna, Lopes contribui com a própria fortuna crítica sobre o autor de *Populações meridionais do Brasil*. Pesquisas já exploraram as leituras de Oliveira Vianna de autores estrangeiros (Bittencourt, 2013; Brasil Jr., 2007) e como suas teses foram importantes em uma “sequência” da sociologia política brasileira (Botelho, 2007). Lopes avança em outra frente, ao demonstrar como o recluso autor de Niterói circulava longe. Embora esteja atento às desigualdades dessa circulação – por exemplo, o fato de suas obras não terem sido traduzidas para o inglês –, seguir na trilha aberta pelo livro pode ser um caminho interessante para uma experiência de “desprovincianização” de um autor habitualmente lido como dos mais “provincianos” das ciências sociais brasileiras.

Se terminasse por aí, *Em busca da Comunidade* já daria uma importante contribuição à história das ciências sociais no Brasil. Os dois capítulos dedicados a José Arthur Rios mantêm o nível dos primeiros, agora iluminando a trajetória e as ideias de um autor dos menos estudados da geração pioneira de cientistas sociais do Rio de Janeiro. Novamente, chama a atenção a forma de enquadramento, que ao invés de construir uma linha reta, situa Rios em uma rede complexa de relações que passam pelas primeiras turmas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, pelo catolicismo do Centro Dom Vital e pelo contato com a sociologia norte-americana e posterior viagem de estudos para os Estados Unidos. Esses três núcleos se combinam para dar sentido ao encontro com Smith e é prenhe de consequências para as teses sociológicas, as visões de mundo e a atuação em termos de políticas públicas de Rios, especialmente no que diz respeito à centralidade conferida às zonas rurais e à afirmação da necessidade de extensão das políticas sociais para o campo.

Curiosamente (ou significativamente), como nota Lopes, um dos elementos que dão base à visão sobre a organização do mundo rural no Brasil de Rios é, novamente, Oliveira Vianna, lido agora por um brasileiro *desde* os Estados Unidos. Se, por um lado, o diagnóstico do insolidarismo e do papel simplificador do grande domínio rural são reiterados, por outro, o prognóstico autoritário é recusado pelo sociólogo carioca, assim como fora por Smith. Ao perseguir os

esforços de intervenção social de Rios, especialmente seus trabalhos e projetos em educação rural, reforma agrária, saúde pública e nas favelas do Rio de Janeiro, o autor demonstra como sua aposta sempre foi, na esteira da tradição comunitarista, na capacidade do associativismo e das formas de organização coletiva, mesmo quando, em momentos de crise, fosse importante considerar modalidades de planejamento social.

No entanto, como demonstrado na conclusão do livro, nem o sociólogo brasileiro e nem o norte-americano foram capazes de encontrar, no Brasil, os atores sociais adequados às suas propostas reformistas. Dentro dos quadros de referência do Comunitarismo e do anticomunismo característico da Guerra Fria, os grandes movimentos organizados no campo, como as Ligas Camponesas, acabavam lidados em chave negativa, sob a ótica da necessidade de serem educados e, no limite, domesticados. Mesmo quando explicitamente recusado, trata-se de uma espécie de eterno-retorno das tendências autoritárias brasileiras, particularmente quando voltadas para o campo e suas formas de mobilização e janelas de oportunidade democratizantes. Como o leitor perceberá, a discussão segue sendo profundamente atual, tanto na sociologia quanto nos debates mais amplos sobre a democratização do Brasil (Botelho, 2019; Brasil Jr. e Botelho, 2016).

Por fim, valeria a pena destacar dois aspectos importantes das sociologias brasileiras e norte-americanas que pouco aparecem no livro: o papel da escravidão (e seu legado) e as relações étnico-raciais nos dois países. Embora não estejam completamente ausentes, o leitor menos familiarizado com as obras de Arthur Rios e Lynn Smith pode se perguntar se esses são temas menores nas teses sociológicas dos autores ou se foi uma opção premeditada não as trabalhar em *Em busca da Comunidade*. A ausência é especialmente sentida quando sabemos que, para toda a geração anterior ou contemporânea a eles (pensando apenas nas interlocuções construídas na obra), os temas eram praticamente incontornáveis: Oliveira Vianna, Park, Pierson, Arthur Ramos Guerreiro Ramos, Costa Pinto, etc. Mesmo escrevendo em épocas diferentes, com variadas abordagens e conclusões discrepantes, todos eles tinham em suas agendas sociológicas a reflexão sobre a discriminação raciais no Brasil e nos EUA (algumas vezes de forma comparada), assim como pensavam os efeitos da escravidão para as formas de organização social nos dois países.

A publicação de *Em busca da Comunidade* contribui para, ao menos, três frentes de pesquisa nas ciências sociais brasileiras. A primeira delas, é para a própria história das ciências sociais no Brasil, tanto por se deter em autores ainda pouco estudados quanto por trabalhá-los não apenas no plano de suas "ideias", mas também de seus projetos de pesquisa e institucionais. Nesse sentido, o livro de Lopes se junta tanto a trabalhos clássicos, como o de seu próprio orientador de doutorado, Marcos Chor Maio (1997), sobre o Projeto UNESCO, quanto a trabalhos mais recentes, como o de Lucas Carvalho (2015), sobre o "Projeto Emprego e mudança socioeconômica no Nordeste", do Museu Nacional. A segunda frente de pesquisa diz respeito à maneira de compreender essa história, isto é, desde uma abordagem global ou transnacional. Esse enquadramento, ao mesmo tempo teórico e metodológico, vem sendo proposto, com diferentes abordagens e alcances, por trabalhos produzidos especialmente na última década, que procuram situar as ciências sociais no Brasil dentro de circuitos mais amplos, que passam pela América Latina, Europa e Estados Unidos (Maia, 2022; 2019; Bringel e Miguel, 2021; Brasil Jr., 2013). Por fim, fruto de levantamentos realizados em acervos diversos, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, *Em busca da Comunidade* passa a fazer companhia a esforços de reflexão sobre como utilizar materiais considerados menos convencionais para produção de pesquisas na área (para além de alguns dos trabalhos já citados anteriormente, cf. Bittencourt, 2013). Se

beneficiando dos debates do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, onde a tese de doutorado que resultou no livro foi produzida, o trabalho de Lopes é uma contribuição expressiva para as pesquisas em arquivo na área de pensamento social.

Referências Bibliográficas

- BITTENCOURT, A. *O Brasil e suas diferenças: uma leitura genética de Populações Meridionais do Brasil*. São Paulo: Hucitec Editora, 2013.
- BOTELHO, A. Sequências de uma sociologia política brasileira. *Dados*, v. 50, n. 1, 2007.
- BOTELHO, A. *O retorno da sociedade: política e interpretações do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2019
- BRASIL Jr, A. *Passagens para a teoria sociológica: Florestan Fernandes e Gino Germani*. São Paulo, Hucitec, 2013.
- BRASIL Jr., A. Uma sociologia brasileira da ação coletiva: Oliveira Vianna e Evaristo de Moraes Filho. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- BRASIL Jr., A; BOTELHO, A. Passagens do rural ao urbano e participação social: a sociologia política brasileira dos anos 60. *Cadernos CRH*, v. 29, p. 209-227, 2016.
- BRINGEL, B.; LEONE, M. La construcción intelectual del concepto de colonialismo interno en América Latina: diálogos entre Cardoso de Oliveira, González Casanova y Stavenhagen (1959-1965). *Mana*, v. 27, n. 2, 2021.
- CARVALHO, L. Projeto, conhecimento e reflexividade: estudos rurais e questão agrária no Brasil dos anos 1970. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MAIA, J. M. Sociologia latino-americana e Guerra Fria Cultural: Aldo Solari, Florestan Fernandes e o ILARI. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 29, p. 915-932, 2022.
- MAIA, João Marcelo. Costa Pinto em dois tempos: os efeitos periféricos na circulação de ideias. *Tempo Social*, v. 31, p. 173-198, 2019.
- MAIO, Marcos Chor. A História do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro, IUPERJ, Rio de Janeiro, 1997.